

# UM BEIJO NA BOCA MALDITA: CONFIGURAÇÕES DA PERSONAGEM TRAVESTI NO ROMANCE BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO (1970-2015)

A KISS IN THE ACURSED MOUTH: CONFIGURATIONS OF THE TRANSVESTITE CHARACTER IN THE CONTEMPORARY BRAZILIAN NOVEL (1970-2015)

Adenize Aparecida Franco<sup>16</sup>

Rosiney Aparecida Lopes do Vale<sup>17</sup>

Luiz Henrique Moreira Soares<sup>18</sup>

**RESUMO:** Este artigo aborda a configuração de personagens travestis em romances brasileiros publicados entre 1970 e 2015. A partir do mapeamento de obras e personagens, o artigo analisa o processo de configuração dessas personagens travestis, tanto protagonistas quanto personagens secundárias, partindo da problematização dos espaços de ocupação e representações dessas personagens. Foi possível verificar, a partir das análises, que, embora a literatura contemporânea brasileira esteja ligada à multiplicidade de vozes e modos de produção cultural na atualidade, a personagem travesti ainda é representada como o “outro” nos discursos sociais. Nesse sentido, percebe-se que o corpo travesti é constantemente recriado a partir de imagens e discursos hegemônicos, quase sempre negativos e que produzem “verdades” sobre as vivências. Para tanto, a base teórica, sob o olhar crítico dos Estudos Culturais, consiste em Dalcastagnè (2012), Resende (2008), Shohat e Stam (2006), Kulick (2008), Butler (2003), Fernandes (2016), dentre outros.

---

<sup>16</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: [adenizeafranco@gmail.com](mailto:adenizeafranco@gmail.com)

<sup>17</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Marília. Docente do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná, *campus* de Jacarezinho. E-mail: [rosineyvale@uenp.edu.br](mailto:rosineyvale@uenp.edu.br)

<sup>18</sup> Mestrando em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” *campus* de São José do Rio Preto. Bolsista CNPq. E-mail: [luizhsoares83@gmail.com](mailto:luizhsoares83@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance contemporâneo brasileiro; Mapeamento; Personagens travestis; Configurações.

**ABSTRACT:** This article deals with the configuration of transvestite characters in contemporary Brazilian novels published between 1970 and 2015. From the mapping of works and characters, the article analyzes the process of configuration of these characters transvestites, both protagonists and secondary characters, starting from the problematization of the spaces of occupation, displacement of bodies and representations. It was possible to verify, from the analysis, that although contemporary Brazilian literature is linked to the multiplicity of voices and types of cultural production, transvestite characters are still represented as the "other" in social discourses. The transvestite body is constantly recreated from the assembly of hegemonic images and speeches, almost always negative, that produce "truths" about bodies and experiences. For this, the theoretical basis, under the critical eye of Cultural Studies, consists of Dalcastagnè (2012), Resende (2008), Shohat and Stam (2006), Kulick (2008), Butler (2003), Fernandes (2016), among others.

**KEYWORDS:** Contemporary Brazilian novel; Mapping; Transvestite characters; Settings.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, além de auxiliar na dinamização de questões sociais e histórico-culturais, é também espaço fértil para o entendimento das relações de raça, classe social e gênero, bem como proporciona o choque entre ideias e perspectivas imbuídas nesse espaço. A partir das novas abordagens propostas ao texto literário e da desconstrução do que se entende/entendia por literatura, além do avanço dos estudos *gays*, lésbicos e de sexualidades – aliado à ação contestadora da crítica feminista –, suscita-se pensar gênero e sexualidades como construções ambíguas e ambivalentes. Mas, por estarem interpeladas por essa instabilidade, as identidades de gênero e sexualidades sofrem com o rechaço cultural, histórico e social, o que implica, assim, em marginalizações e silenciamentos.

Os corpos que fogem das normas de gênero acabam tendo suas vidas sempre postas em contraponto com o que é discursivamente “possível” e humano, bem como a construção e legitimação de espaços pré-definidos e demarcados. Nesse sentido, o jogo de forças que se cria com as questões de

gênero no campo literário diz muito sobre a sociedade brasileira, seus preconceitos, exclusões e formas de constituição do humano/inumano em nossas relações. É necessário, dentro do campo literário, colocar em xeque visões essencialistas e propor discussões que possibilitem a conversão e desconstrução de ideias cristalizadas pelo discurso heterossexista, difundido na literatura.

Nas palavras de Stuart Hall, no contemporâneo, só é possível pensar o sujeito de maneira líquida e fragmentada, “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (HALL, 2006, p.12). A proposta de questionar a pretensa ideia do sujeito unificado está presente, especialmente, em algumas produções literárias brasileiras que datam a partir da metade dos anos de 1990, nas quais há a representações não-hegemônicas e subjetivas das chamadas “minorias sexuais”, além de expressar relações homoeróticas. Algumas produções literárias, nesse sentido, alteram a “silhueta” do sujeito unificado, desmontam e reconfiguram politicamente o indivíduo essencial – posto como modelo e que não favorece a construção subjetiva de “ser e estar no mundo”, tais como a representação literária de personagens LGBTTTQIAs<sup>19</sup>.

Mas apenas a representação literária não é o bastante. A partir do pressuposto de Candido (2006), que observa a possibilidade da literatura de expressar e problematizar as dinâmicas e os papéis sociais, e, considerando a cultura como um conjunto de sistemas simbólicos, a problemática proposta nesse artigo se define em meio às indagações sobre os modos como são contadas as histórias de travestis na literatura brasileira, em especial a contemporânea<sup>20</sup>. Em outras palavras, como a literatura incorpora (ou não) a

---

<sup>19</sup> Sigla correspondente à comunidade de *gays*, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis, transexuais, *queers*, intersexuais e assexuais.

<sup>20</sup> Conforme aponta Karl Erik Schøllhammer (2011, p. 9-10), a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade. Citando Barthes e Agamben, o autor

experiência de personagens travestis na construção das narrativas? Por quem essas histórias são contadas? Como são configuradas as representações e espaços dessas personagens, seus desejos e perspectivas, suas subjetividades, suas vozes?

Na tentativa de tentar responder esses questionamentos (ou suscitar mais questionamentos), ainda de maneira tímida e inicial, é necessário destacar que a literatura pode, devido ao seu aspecto (trans) formador, atuar sob uma linha tênue: de um lado a manutenção do preconceito e da discriminação; do outro a desconstrução de imagens estereotipadas e a construção de novas representações históricas, sociais e artísticas. Entende-se como sendo complexo o campo no qual se inserem os estudos sobre identidades no contemporâneo, por acreditar em um processo de construção identitária formada ao longo do tempo, não congênita. O mapeamento da configuração de personagens travestis no romance contemporâneo brasileiro, seja como protagonistas ou personagens secundárias em obras literárias publicadas entre 1970 e 2015, possibilitou observar e analisar os discursos, espaços e representações que fazem valer a abjeção<sup>21</sup> desses corpos que nada “importam”, bem como estabelecer uma leitura crítica de algumas obras mapeadas, situadas no tempo incômodo do contemporâneo e suas contestações ideológicas, históricas, culturais e sociais.

---

afirma que “o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo”.

<sup>21</sup> Judith Butler (2000, p.112), no ensaio intitulado *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*, conceitua o abjeto como sendo “aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito”.



## 2. TENSÕES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: GÊNERO E REPRESENTAÇÃO

Beatriz Resende, no primeiro ensaio do livro *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*, argumenta que, para pensarmos a ficção brasileira na contemporaneidade, é necessário “deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás” (RESENDE, 2008, p.15). Ao reconhecer que a literatura brasileira entra na sua era de multiplicidade, Resende estabelece mais duas características dominantes nessa produção recente: a fertilidade e a qualidade. A teórica relaciona a multiplicidade à mudança nos formatos de publicação, às novas relações com o leitor e da própria linguagem, que passa a interagir-se de várias maneiras entre as expressões culturais. No que se refere à fertilidade e a qualidade, Resende relaciona essas características ao avanço tecnológico e comunicativo da atualidade: há uma fertilidade nas formas de expressão porque o mercado editorial também cresceu e se modernizou, efeitos da evolução computacional e do desenvolvimento da *internet*. Outra constatação também soa importante: para a teórica, nessa era de multiplicidade, fertilidade e qualidade literária, há o surgimento de novas vozes no espaço literário (RESENDE, 2008, p.17); vozes que até pouco tempo atrás estariam relegadas desse espaço; vozes que questionam e se posicionam entre centros e margens, transversais e anti-hegemônicas, vindas da periferia das grandes cidades, imbuídas de um discurso de reconstituição e desestruturação do cânone.

Nesse sentido, o cenário da produção literária no Brasil parecia favorável. Porém, ao traçar um perfil acerca das produções literárias, personagens, autores e espaços que constituem a atual literatura do Brasil, em romances publicados, entre 1990 e 2004, por três das maiores editoras do país, Regina Dalcastagnè (2012), em seu livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, apresenta um mapa de ausências nas representações e configurações de personagens “silenciados pela história” na literatura

brasileira. Os resultados da pesquisa provocam o atual cenário e demonstram não haver um processo de legitimação nem de reconhecimento de outras identidades na construção literária brasileira, colocando em cheque a ideia de multiplicidade de vozes, apontada por Beatriz Resende, em 2008.

Isso porque, segundo Regina Dalcastagnè, as personagens dos romances mapeados não simbolizam heterogeneidade e nem multiplicidade, posto que a representação do homem branco, heterossexual, ocidental e de classe média, preenchia e ocupava todos os espaços possíveis da narrativa e do campo literário. Para Dalcastagnè (2012, p.148), a monopolização dos lugares de fala e a falta de representação de determinados grupos sociais no espaço literário acarreta a invisibilidade de suas perspectivas e subjetividades.

A literatura é um artefato humano e, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e, dentro dela, de nosso campo literário). (DALCASTAGNÈ, 2012, p.149)

Na pesquisa de Dalcastagnè, mais de 60% das personagens dos romances mapeados são do sexo masculino. E essa hegemonia se estende quando se observa a posição e o espaço da personagem masculina nas narrativas (71% das personagens masculinas são protagonistas das obras), além dos produtores dessas obras (72 % das obras foram publicadas por homens). Se o espaço à mulher na literatura brasileira, tanto como autora como personagem, já se constitui de forma ínfima e problemática, quem dirá as representações de personagens e autores que fogem das normas de gênero<sup>22</sup> e

---

<sup>22</sup> Na concepção de Joan Scott (1988), o gênero é uma categoria histórica, construída socialmente. Para a autora, o “gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou reproduza diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais. (...) não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de

de sexualidades? É fato que a literatura contemporânea brasileira constrói, discursivamente e simbolicamente, espaços de legitimidade e exclusão. A construção desses espaços é o que edifica e estrutura os poderes. Pensar a representação de personagens travestis no romance<sup>23</sup> brasileiro contemporâneo, proposta desse artigo, e ainda, analisar a forma como as “verdades” são construídas sobre os corpos e as vivências travestis, é mais do que posicionamento político-ideológico: trata-se do reconhecimento de um campo que não é neutro nem inocente, trata-se da negação à manutenção de poderes sexistas e excludentes.

Os estudos sobre personagens travestis na literatura brasileira são ainda muito recentes, mas já estruturam importantes e incômodas relações entre sociedade, literatura e campo literário. Há pesquisas que vêm construindo uma discussão sobre esses corpos, como é o caso da tese de doutorado de Carlos Eduardo Fernandes (2016), intitulada *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980*, na qual o realiza um mapeamento do panorama representativo do corpo travesti em obras literárias do século XX, abarcando peças de teatro, contos e romances. O que esse estudo nos aponta é que as travestis possuem um espaço singelo de representação na literatura brasileira, muito ligada às importantes mudanças sociais ocorridas no país no último século.

Segundo Fernandes (2016), historicamente, a primeira obra literária brasileira que apresenta uma personagem travesti é o conto *A grande atração* (1936), de Raimundo Magalhães Jr. No romance, as obras *Georgette* (1956) e *Uma mulher diferente* (1965), de Cassandra Rios, são consideradas, de acordo

---

nosso conhecimento sobre o corpo, e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos.” (SCOTT, 1988).

<sup>23</sup> A escolha por trabalhar apenas os romances reside na ideia de o romance, segundo Tânia Pellegrini (2007), em seu ensaio *Realismo: postura e método*, ser o gênero literário que acompanha as mudanças na sociedade brasileira, bem como possibilitar uma visão clara das dinâmicas sociais sob o olhar feroz da contemporaneidade.

com alguns mapeamentos, uma das primeiras produções romanescas a discutir e trazer a questão da travestilidade ao campo literário brasileiro. A exclusão de grupos historicamente marginalizados mantém o rechaço cultural e promove, por meio dos discursos, a manutenção na violência física e simbólica. Conforme observa Emerson da Cruz Inácio, no ensaio *Sobre Geni e Gisberta: baladas e amores trágicos*:

a travesti/trava/transexual venha há muito habitando o imaginário cultural e literário de maneira silenciosa, como ocupando lugar semelhante ao de tantas e tantas outras figuras mundo, obliteradas e tornadas apenas objeto pelo campo literário: o negro, a mulher pobre, a criança, o homossexual, corpos manipuláveis pelos discursos de poder, pelas políticas do discurso, pela impossibilidade de dizerem sobre si mesmos muitas vezes. (INÁCIO, 2012, p.34)

Para Inácio (2012), é necessário pensar sobre a margem que se desenha dentro da própria margem e “dos discursos ditos e tidos como marginalizados”, posto que a travesti também não possui lugar específico dentro desses discursos, e muitas vezes, é desprovida do caráter de enunciação própria e legitimidade.

A travesti<sup>24</sup>, tal como afirma Don Kulick, tem a capacidade de transmitir e despertar a repulsa e o medo, mas ao mesmo tempo, uma atração eletrizante, onde quer que esteja. Então, a identidade aqui estudada refere-se a sujeitos

---

<sup>24</sup>A conceituação de travesti e transexual é um tanto quanto polêmica, posto que haja dificuldade em se estabelecer e finalizar conceitos no contemporâneo. De forma grosseira as travestis podem significar os sujeitos que foram identificados biologicamente como homens ao nascer, mas que adotam comportamentos, nomes e roupas comuns do sexo feminino, construindo uma identidade semelhante ao que se é chamado de “feminilidade”. Diferentemente das transexuais, as travestis não se submetem à cirurgias para retirada da genitália, nem desejam tornar-se mulheres, caminhando sob o trilho da ambiguidade e do hibridismo. Já os/as transexuais são caracterizados/as como sujeitos que não se identificam com o órgão sexual na qual nasceram e desejam manifestar a identidade do sexo oposto, recorrendo à cirurgias de resignação ou mudança de sexo. Convém destacar que a cirurgia de mudança de sexo não é o que caracteriza a pessoa transexual. Acima de qualquer procedimento cirúrgico está o seu desejo em manifestar integralmente a identidade com a qual se sintam mais à vontade.

caracterizados ao nascer, tradicionalmente, como sendo do sexo masculino, mas que acabam por assumir “condensações de determinadas ideias gerais, representações e práticas do masculino e feminino” (KULICK, 2008, p. 26). Em outras palavras, as travestis não estão em lugar propriamente subversivo, pois elaboram “determinadas configurações de sexo, gênero e sexualidade que sustentam e (re) significam as concepções de ‘homem’ e ‘mulher’ no Brasil”.

Os corpos que fogem das normas de gênero, como as travestis, estão quase sempre destinados a ocupar o não - lugar, o lugar fronteiro e inabitável do “não dizer sobre si”, do não-direito, que corroboram para a não-vida. Assim, os sujeitos que possuem “imagens corporais” que não se encaixam em nenhum desses gêneros (masculino e feminino) ficam fora do “humano”. De acordo com Butler:

A marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menino ou menina?’ é respondida. As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do objeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece. (BUTLER, 2003, p.162)

No social, onde “a linguagem projeta feixes de realidade”, segundo Monique Wittig apud (Butler, 2003, 162), são definidas as vidas e as subjetividades dignas de serem vividas e os corpos dignos de importância, em um processo no qual a linguagem “carimba, molda e violenta os corpos”. Nesse sentido, o que se buscou nesse artigo não é a procura por uma verdade ou uma realidade pré-existente, mas a observação de como há uma organização nos discursos ideológicos que são plasmados pela literatura. Em outras palavras, a literatura não se encarrega de referir-se ao mundo, mas “representa suas linguagens e discursos”.

Em *Crítica da Imagem Eurocêntrica: multiculturalismo e representação* (2006), os teóricos Ella Shohat e Robert Stam, ao debater sobre a questão da representação na contemporaneidade, acreditam que a arte, ao mesmo tempo em que incorpora representações hegemônicas e as reproduz, ela também edifica socialmente as hegemonias – o que diz muito sobre a sociedade atual. Os autores admitem que não é tarefa fácil identificar distorções em um objeto cultural, todavia, sabem da importância das representações e que elas possuem efeitos reais sobre o mundo (SHOHAT; STAM, 2006, p. 262). Uma obra literária, como toda e qualquer representação artística, trata-se de um artefato social que transita entre uma conjunção de ideologias e discursos, que são sociais e históricos. Logo, a literatura seria parte inseparável da cultura. Citando Bakhtin, os teóricos afirmam que:

(...) a arte é inegavelmente social não porque representa o real, mas porque constitui uma “enunciação” situada historicamente - uma rede de signos endereçados por um sujeito ou sujeitos constituídos historicamente para outros sujeitos constituídos socialmente, todos imersos nas circunstâncias históricas e nas contingências sociais. (SHOHAT; STAM, 2006, p.265)

Ao entender que a literatura possui uma estreita relação com a sociedade (e também por estar inserida dentro dela), é fato que a (re) produção literária de discursos tradicionalmente patriarcais e conservadores tendem a promover exclusão e negação, agindo como controladores de uma ordem social - recheada de desejos, intenções, poderes e lutas.

Para o mapeamento do *corpus*, realizado entre junho de 2016 e julho de 2017, e da configuração de personagens travestis na literatura brasileira contemporânea, o método utilizado foi, em um primeiro momento, o de análise quantitativa, como forma de apurar dados concretos acerca da configuração das travestis na literatura brasileira. Nesse aspecto, alguns critérios foram estabelecidos para que se reconhecesse determinada obra como importante a

esse artigo: 1) romances escritos originalmente em português, com personagens travestis em sua composição; 2) autor (a) de nacionalidade brasileira; 3) publicação após 1970. A investigação sobre essas obras pautou-se na análise de catálogos de editoras, revisão de artigos, dissertações, teses, resenhas, bem como as indicações de obras conhecidas pesquisadores das áreas de gênero, literatura e história, e também de alguns escritores.

Em uma planilha, os dados coletados foram distribuídos para a análise, organizados, de forma a obedecer aos itens: título da obra, autor (a), editora, personagens (protagonistas e secundárias) e ano de publicação. As análises referentes às personagens travestis, representadas nos romances, referem-se aos espaços (im) possíveis de ocupação nas narrativas e representação literária dos corpos.

Sob o olhar crítico dos Estudos Culturais, que se caracterizam pela possibilidade de analisar a cultura e/ou objeto artístico a partir da quebra e da integração entre inúmeras disciplinas das ciências sociais – tradicionalmente cristalizadas, as reflexões realizadas a partir do material selecionado foram pautadas e sustentadas sob caráter qualitativo, principalmente pela concepção de travesti e travestilidade, com base em etnografias sobre experiência de travestis brasileiras, a partir dos estudos de Kulick (2008), e Pelúcio (2005). A pesquisa teve, ainda, como aporte teórico, os estudos de Butler (2003), acerca das noções de dominação e subversão de “corpos que nada importam”, além dos estudos literários envolvidos com as questões de gênero e representação, a partir de Candido (2006), Dalcastagnè (2012), Shohat e Stam (2006) e Fernandes (2016). Portanto, incluem-se a pesquisa exploratória e explicativa, considerando as materialidades: representações de personagens travestis em romances contemporâneos brasileiros publicados após 1970.

Antes da apresentação e interpretação dos dados coletados, é importante ressaltar que esse artigo não almeja criticar ou “policar” o trabalho



dos escritores, nem estabelecer como única possibilidade de interpretação e crítica. No mapa de ausências e demandas que se constrói na contemporaneidade, é necessário, a partir das problemáticas apresentadas, evidenciarem os produtos culturais e analisá-las sob o viés da (re) significação, como forma de propor novos sentidos e novas possibilidades de leituras e escritas que se distanciam das imagens conservadoras – por isso a pesquisa, aqui apresentada, encontra-se em aberto, como proposta de indagação e de desenvolvimento das discussões e produção científica de outros trabalhos. O processo de mapeamento e análise dos dados coletou 56 obras, publicadas entre 1970 e 2015. No quadro abaixo, temos o *corpus* catalogado e dividido:

**Tabela 1:** Divisão do mapeamento por período, número de romances, autores e personagens

PERÍODO (POR DÉCADA)	ROMANCES	AUTORES	PERSONAGENS	PERSONAGENS PROTAGONISTAS	PERSONAGENS SECUNDÁRIAS
1970	4	4	4	4	0
1980	2	2	2	2	0
1990	13	13	15	5	10
2000	14	13	21	4	17
2010	24	22	24	10	14

Evidencia-se, inicialmente, o notável crescimento na configuração e na publicação de obras que refletem personagens travestis tanto como protagonistas quanto personagens secundárias. Na década de 2010, é possível verificar maior produção literária e representação de personagens travestis na literatura brasileira. Nesse período há, também, um maior aprofundamento

psicológico nas narrativas, além da ambiguidade e da questão memorialística e biográfica dos textos, advinda da ascensão do debate sobre a construção do gênero, da subjetividade e do sujeito de identidades cambiantes. Destacam-se os romances *Deixei ele lá e vim* (2006), de Elvira Vigna, e *Do fundo do poço que se vê a lua* (2010), de Joca Jeiners Terron, publicados por grandes editoras brasileiras.

No que se refere ao número de personagens travestis, presentes nos romances catalogados, a tabela 1 nos mostra que foram mapeadas aproximadamente<sup>25</sup> 66 personagens, dentre protagonistas e personagens secundárias. As protagonistas somam 25 personagens, e as restantes (41, no total) são representadas como personagens não-atuantes e/ou personagens secundárias. Foi possível constatar a presença e produção literária majoritariamente masculina, que além de monopolizar os lugares de fala no interior das narrativas, é presença hegemônica na produção literária: foi possível mapear 1 obra escrita por uma travesti, 10 obras escritas por mulheres e 45 obras escritas por homens.

É pequena, também, a presença de personagens travestis narradoras: grande maioria dos romances aparece escrita em terceira pessoa. Entretanto, há presença de 6 personagens protagonistas que são, ao mesmo tempo, narradoras. Em exemplos como *O diário de Marjorie* (2014), de Marcos Soares, *Luís Antônio-Gabriela* (2012), de Nelson Baskerville, e *Princesa: depoimento de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas* (1994), de Fernanda

---

<sup>25</sup> No artigo intitulado *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, Regina Dalcastagnè (2007), ao realizar um mapeamento das representações de personagens femininas na narrativa contemporânea brasileira e encontrar uma parcela considerável de personagens sem indícios e/ou não identificáveis, pontua que a personagem do romance contemporâneo é objeto bastante escorregadio. Citando a romancista francesa Nathalie Sarraute, ela afirma que a personagem vem se tornando, desde o início do século XX, mais complexa e mais descarnada. A pesquisadora acredita, ainda, que a reflexão de personagens não identificáveis é de extrema relevância, pois colocam em discussão as razões para tantas ausências e temáticas, bem como determinadas descrições.

Farias de Albuquerque. Nessas obras em questão, o teor memorialístico e biográfico contribui para a construção do protagonismo no/do texto.

Acompanhada por um processo de urbanização, como demonstra James Green (2000), a identidade travesti desenvolveu-se nas grandes cidades brasileiras a partir das décadas de 60 e 70. Diferente da identidade construída até então, associada aos transformistas que participavam de *shows* que se espalhavam pelo país antes disso, a identidade da travesti se constituiu devido à sua entrada no universo da prostituição, da ocupação de ruas e avenidas das grandes cidades. Por outro lado, segundo as proposições de Elias Veras (2015), em sua tese *Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE)*, no tempo dos hormônios/farmacopornográfico, é na entrada da década de 1980 que essa identidade passa pelo processo de subjetivação – o que designa-se essa transição entre “o tempo das perucas” para “o tempo dos hormônios-farmacopornográficos”. Para o autor:

O termo travesti deixou de significar apenas uma prática eventual, clandestina e restrita aos momentos e espaços privados, para nominar um novo sujeito sexual, inseparável de sua dimensão público-midiatizada. Travesti-performance impressa nas notícias e fotografias. Travesti-prótese, encarnada através dos hormônios, silicone, maquiagem e vestimentas. Nova “identidade sexual” escrita em performances; inscrita no corpo. Travesti-carne-tinta-papel. (VERAS, 2015, p.25)

Tal afirmação e discussão corroboram com os apontamentos de Larissa Pelúcio (2005). Para a pesquisadora, o espaço citadino é entendido como o ambiente propício às manifestações “transgressoras” das sexualidades, à libertação dos próprios desejos e subjetividades. Pensar essa identidade, portanto, é pensar em construções complexas e peculiares que abalam os binarismos e normas de gênero.

O que chama a atenção, quando se trata dos espaços ocupados por personagens travestis, é que a literatura contemporânea brasileira parece construir e reafirmar determinadas desigualdades sociais. Claramente, os espaços mapeados – físicos e simbólicos - resguardam significações importantes para se pensar a configuração de personagens travestis na literatura. Os espaços de representação se intercomunicam, como uma cadeia de preconceitos que recai sobre a identidade travesti. Então, na maioria das obras mapeadas, há presença de uma constante higienização de alguns espaços/atividades em detrimento de outros, como é o caso da prostituição. Embora os discursos conservadores definam o espaço da prostituição de modo pejorativo e marginalizado, esse território pode ser entendido como elemento de construção da pessoa travesti (PELÚCIO, 2005, p.221-222). É na convivência e (sobre) vivência nesse espaço que abre-se a possibilidade das travestis incorporarem valores e noções de feminino. Os espaços mapeados, predominantemente urbanos, são configurados em espaços entendidos socialmente como “marginais”. De modo geral, das 56 narrativas mapeadas, 35 se passam e /ou transitam em espaços como a rua, a escuridão, a criminalidade e o consumo de drogas. As personagens travestis desses romances mapeados, por ocuparem espaços indizíveis e estereotipados na penumbra dos discursos, têm suas vidas marcadas pelo “gozo” e o “cuspe, operando entre a escuridão dos becos, a discricção, a repulsa e o exílio. Os sofrimentos e torturas dessas personagens são expostos - corpos dignos de perseguição e truculência policial, corpos enforcados e atravessados por facas e discursos. Parece ser da travesti o espaço inevitável e incompleto do existir: a existência “subentendida” nos becos sujos e pornográficos do submundo, casas noturnas, bares, inferninhos, cinemas pornôs. No *dark room* de poucas palavras. Na prisão e no exílio de corpos e memórias.

A constante negação de alguns espaços sociais, historicamente subjugados, (re) constrói estigmas que atravessam os corpos marginalizados, e

logo, precarizam as vidas. Nesse sentido, pensar o estigma constante da identidade travesti na literatura é pensar no estigma reproduzido socialmente – em espaços ocupados socialmente pela não-vida, pelo não-direito e pelo desejo no higienizado. Em um país como o Brasil, historicamente marcado pela violência, a expectativa de vida de travestis e transexuais é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos. Segundo pesquisa do Grupo Gay da Bahia, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Em 2016 foram registrados 127 casos de assassinatos, um a cada três dias. Um dos últimos casos, fortemente divulgado pela mídia, foi a história da travesti Dandara dos Santos, espancada e assassinada, no início de 2017, por um grupo de jovens de um bairro da periferia de Fortaleza, no Ceará, em plena luz do dia. Esses dados, de certa forma, refletem sobre a realidade que as travestis brasileiras enfrentam historicamente.

Para Maria Clara Araújo (2016, s/p), são inúmeras as ausências que atravessam os corpos e as vivências travestis, mas nenhuma delas não é tão urgente quanto a ausência do direito de viver. Os dados sobre os assassinatos de travestis não revelam apenas a presença do ódio às “minorias” ou aos corpos de desafiam as normas de gêneros, de sexualidades e de afetividades: revela um imaginário social brasileiro extremamente conservador, violento e hipócrita.

De acordo com o mapeamento, a literatura brasileira parece incorporar ou representar todo esse transfeminicídio. Embora a tragicidade e o “estranhamento” - advindos do contemporâneo, do acirramento entre as relações humanas (líquidas), e da sua dificuldade em cristalizar conceitos - sejam algumas características comuns na literatura contemporânea, como apontado por Resende (2008), essas características parecem ganhar destaque principal quando analisamos os romances nos quais há personagens travestis. Em algumas obras, como exemplo *O milagre* (1972), de Roberto Freire, a configuração da identidade travesti parece representar um tipo de arquétipo não questionável, corpos constantemente associados à AIDS, à exposição do

sofrimento, mortes das mais variadas formas, interpelados por discursos e clichês que beiram o senso comum, além do tratamento sempre no masculino.

Mais de 60% das narrativas mapeadas apresentam algum tipo de violência contra essas personagens. Segundo Kulick (2008, p. 47), a violência<sup>26</sup> é o plano de fundo da vida das travestis. Elas precisam estar preparadas para a reafirmação constante de sua identidade e o seu direito de existir e ocupar os espaços. Dessa forma, as violências apresentadas nas obras mapeadas representam não só o ódio às representações fora do binarismo homem-mulher, elas representam, também, o ódio ao feminino e suas manifestações.

Na esteira das configurações mapeadas, é possível afirmar que as personagens travestis podem apresentar 4 (quatro) representações problemáticas na romance contemporâneo brasileiro: a travesti pode aparecer nas narrativas como um corpo morto; como assassinas e perigosas; personagens com final trágico; e como personagens não-atuantes, que exercem o papel de pouco ou nenhum destaque nas narrativas.

A primeira diz respeito à personagem travesti como um corpo morto, um cadáver. Encontrada no início de narrativas policiais, essa representação configura a personagem travesti como mais um corpo/número na estatística, além de sua voz ser constantemente silenciada. Como exemplo, podemos citar os romances *Berenice Procura* (2005), de Luiz Alfredo Garcia Roza, *A boneca platinada* (2007), de Álvaro Cardoso Gomes e *Os demônios morrem duas vezes* (2005), de Fernando Pessoa Ferreira. Em *Berenice Procura*, o leitor se depara

---

<sup>26</sup>Irme Salette Bonamigo (2008), em seu ensaio *Violências e contemporaneidade*, afirma que o termo violência comporta inúmeros sentidos na contemporaneidade. Segundo a autora, é correto afirmar a existência de violências (no plural), típicas configurações de nosso tempo imprevisível. Na tentativa de buscar uma conceituação do termo “violências”, a autora recorre às palavras de Michaud (1989), que reconhece situações violentas quando “um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja na sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (MICHAUD, 1989, p.10-11) apud (BONAMIGO, 2008, p.206)

com uma trama investigativa sobre a vida e morte da travesti Valéria, encontrada morta a facadas na beira da praia de Copacabana:

Era quase meio-dia quando o corpo do travesti foi removido. Valéria, seu nome de guerra, foi o máximo que os policiais conseguiram obter dos empregados dos quiosques à beira da calçada. Não sabiam seu nome verdadeiro, onde morava e se morava sozinho. Ninguém o vira na noite anterior. Valéria era da área, nisso estavam de acordo. **Quanto ao resto, os policiais achavam que era questão de tempo e paciência, embora o pouco que tinham de tempo e paciência não era para ser desperdiçado com putas e travestis.** (ROZA, 2005, p.12 grifos nossos)

Embora essa ficção policial trate de investigar o assassinato de Valéria, colocando a taxista Berenice e o sem-teto Russo como protagonistas da narrativa, o assassino não é preso nem condenado. A “falta de tempo e paciência com travestis e putas” revela a não-importância e a precarização das vidas.

A segunda representação destacada é a personalidade assassina e perigosa, de caráter frio e calculista, das personagens travestis: muitas vezes essas personagens estão envolvidas no submundo do crime, perseguidas pela força policial e/ou investigadas por assassinatos e roubos, como no romance *Crimes bárbaros* (2011), de Christian Petrizi, no qual a travesti Barbara Taylor é indiciada pelo suposto assassinato de um médico, ou em narrativas como *Scarlet* (2012), de Reynaldo Araújo. No romance *Hilda Furacão* (1991), de Roberto Drummond, a descrição da travesti Cintura Fina, amiga da protagonista Hilda, também estabelece a configuração perigosa à personagem. Na passagem, o narrador conta sobre uma das incontáveis brigas entre Cintura Fina e Maria Tomba Homem, na Rua Guaicurus. Na ocasião, a briga só terminou com a chegada de Hilda:

Cintura Fina, com sua navalha voadora presa a um barbante, Maria Tomba Homem com as flechas de bambu que usava — ele e ela já sangrando, lágrimas nos olhos por causa do gás lacrimogêneo, os



guardas-civis pedindo a ajuda de novas radiopatrulhas, os dois iam se matar aos poucos.

Foi então que Hilda Furacão apareceu (...)

— Meninas, aqui tem lugar para todas. Maria do Socorro (ela nunca a chamava de Maria Tomba Homem) me dá o arco e as flechas (e foi docemente atendida). Cintura Fina, agora me entrega a navalha voadora (no que também foi docemente atendida). E agora me acompanhem até meu quarto que eu vou fazer um curativo nocês. (DRUMMOND, 1991, p. 28)

Outra representação mapeada durante a pesquisa foi a da personagem travesti com final trágico, no qual se tem a morte como um destino traçado ou redenção possível. Podemos citar os romances *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), de Marcelo Pedreira, e *Luís Antônio-Gabriela* (2012), de Nelson Baskerville. Em *A inevitável história de Letícia Diniz* (2006), a personagem Letícia, que também comete suicídio ao final da narrativa, jogando-se nua do oitavo andar de um prédio, ouve atenta aos conselhos do Tio Cristina sobre a vida de uma travesti:

Eu sempre te disse: travesti tem que ser dez vezes mais corajoso, dez vezes mais forte e dez vezes mais persistente para vencer na vida. Fraqueza não é luxo permitido pra gente do nosso tipo, tá me ouvindo? Não foi essa a tua escolha? Agora vai... Vai... Vai e não olha mais pra trás. (PEDREIRA, 2006, p.16)

O romance de Pedreira narra a história trágica e delicada – por isso inevitável – da jovem Letícia Diniz, uma travesti do norte do Brasil que decide abandonar a vida em Porto Velho e tentar a sorte no Rio de Janeiro, trabalhando na prostituição. Desde o início da narrativa, o leitor tem acesso aos diários e escritos da personagem, contados por um narrador inicialmente misterioso. A vida de Letícia é atravessada por inúmeras violências e exclusões: as discriminações sofridas na escola, a expulsão de casa quando tinha 12 anos, o estupro cometido pelo próprio pai, o sonho de ser rica, e os desejos infantis e românticos sobre o amor. Em uma passagem do romance, quando chega ao Rio

de Janeiro com sua amiga Alicinha, e realizar o seu primeiro programa, a personagem é atravessada pela angústia da exclusão, quando “o homenzinho sem graça ordenou, com seu sotaque de nazista, o fim da sodomia. Voltou a masturbar-se com ainda mais sofreguidão e finalizou o programa gozando profusamente no ventre dourado da “travesti-de-trinta-reais-cuja-história-pouco-me-importa” (PEDREIRA, 2006, p. 81). Quando terminara o programa, o “homenzinho sem graça”, esvaziado, levantou-se e foi embora, sem dizer “tchau-obrigado-fica-com-Deus”. A primeira experiência de Letícia com a prostituição demonstra bem como os espaços e os corpos são colonizados pelo poder hegemônico machista e falocêntrico. Ao retornar para a casa, a personagem escreve em seu diário: “Então é isso... Os tubos de PVC da sociedade onde os calígulas se aliviam... É pra isso que a gente serve... Pras famílias deles poderem viver na luz, longe de toda essa podridão” (PEDREIRA, 2006, p. 81). Letícia descobriu-se como uma voz à multidão de marginalizados, que servem apenas para dançar em palácios, oferecer-se a mil homens, e logo depois serem descartadas.

A última configuração mapeada na pesquisa é a representação da personagem travesti como personagem não-atuante. Isso é o que caracteriza a maior parte das obras mapeadas. Nelas, as personagens são nomeadas como “criaturas”, seres anormais que transitam pelas ruas, de perfil “exótico” e indecifrável. Como exemplo, podemos citar as obras *Homens há muitos* (2003), de Fernando Salgueiro, *Concerto Amazônico* (2008), de Álvaro Cardoso Gomes, e *Morte nos búzios* (2006), de Reginaldo Prandi.

A problemática que se estabelece aqui não é a indagação sobre o fazer-literário nem de necessitar ou cobrar maior “apego” da literatura às questões socialmente construídas, como a violência. É fato que a constituição da obra sempre perpassa pela interpretação do leitor, em uma esfera ainda maior, onde os agentes de produção (autor-obra-público) são movidos e contaminados pelo aspecto social, mas também o modificam. Cabe aqui, ainda se necessário, fazer

uma análise do que essas representações mapeadas possam significar. As questões levantadas pelas obras literárias aqui destacadas, como violência, exclusão, solidão invisibilidade da identidade travesti, direcionam ou parecem representar determinada ideia sobre controle social do corpo. Embora instituídas no contemporâneo – tempo/momento que rejeita cristalizações – algumas representações da identidade travesti na literatura brasileira parecem construir determinado discurso de disciplinarização e/ou obediência. É por meio dessas representações que constituem, a rigor, as “verdades” que são produzidas nesses corpos.

Nesse sentido, embora a pesquisa se detenha em investigar e problematizar as configurações negativas da identidade travesti na literatura brasileira, é importante destacar que algumas obras mapeadas tratam de rever conceitos e produzir novas significações em suas narrativas, e fazem valer a identidade subjetiva das personagens. É o caso dos romances *Elvis e Madona*: uma novela lilás (2010), de Luiz Biajoni, *Aos meus amigos* (2008), de Maria Adelaide Amaral, *Sim, eu sou uma mulher* (2014), de Mônica Candiani, *Odara* (2011), de Márcio Paschoal, *Estação Carandiru* (1999), de Dráuzio Varella, e *As fantasias eletivas* (2014), de Carlos Henrique Schroeder. O caráter fundamental desses romances é a humanização das personagens travestis. Em um processo de reconstituição social dos corpos, essas narrativas possibilitam uma abertura à ambiguidade e à incompletude: há configurações literárias que desviam dos clichês e do senso comum, reconstróem os espaços sociais e (re) significam as noções de gênero e sexualidade.

Em *Elvis e Madona*: uma novela lilás, o romance apresenta as personagens Elvis, uma lésbica de classe média que abandona a sua vida no interior de Minas Gerais e vem para o Rio de Janeiro, para realizar o seu sonho de ser fotógrafa, e Madona, uma travesti que fugiu de casa muito cedo para viver a sua identidade longe da vigilância da família. Elvis e Madona se apaixonam e o seu relacionamento, inusitado aos olhos da sociedade, é base de todo o enredo.

O que estabelece diferenciação dessa narrativa com as demais é a dificuldade de nomeação das personagens, que, segundo Paula Queiroz Dutra (2016), está relacionada com a impossibilidade de se reconhecerem dentro dos modelos esperados pela sociedade. Os papéis de gênero são representados de forma ambígua e positiva “no sentido de aceitá-la como algo natural e também de criar uma possibilidade de representação diferente a partir dela” (DUTRA, 2016, p.13). Ao constituírem uma família, Elvis e Madona também criam novas configurações de realidade, apresenta a possibilidade de felicidade e a negação de um final trágico às personagens. No final do romance, quando o narrador trata da forma como Elvis e Madona pronunciam o nome do filho, fica evidente a ambiguidade em relação ao sexo da criança. “Escolheram Angel. Madona falava Ángel. Elvis falava Angel, puxando seu sotaque mineiro.” (BIAJONI, 2010, p.203). Essa ambiguidade aparece como uma possibilidade de reconhecer que o gênero é sempre construído e aprendido, não é algo tido naturalmente ao nascimento.

### 3. BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme observa Guacira Lopes Louro (2007, p. 14), “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados”. Nesse sentido, contestar o espaço da literatura contemporânea é contestar os espaços de ocupação dentro da sociedade e os discursos hegemônicos que ela alimenta, observando o perigo da “história única” e das perspectivas engessadas. É possível verificar que, embora a literatura contemporânea brasileira esteja inteiramente ligada à multiplicidade de vozes, aos problemas sociais de nosso tempo, encontrando suporte de produção artística nos diversos meios de comunicação (Resende, 2008), a personagem travesti ainda é representada como o “outro” nos discursos sociais. O corpo travesti, ambíguo e denunciador da cristalização das normas de gênero, é criado a partir da (re) montagem de imagens e discursos hegemônicos, quase sempre negativos e estigmatizados.

O que deve ser evidenciado são as perigosas naturalizações que o discurso literário pode ter. É necessário observar que a (re) afirmação de alguns estereótipos, – tal como a travesti prostituta, doente e perigosa – está ligada às configurações criadas e (re) afirmadas constantemente (e historicamente) por diversas mídias e meios de comunicação. Embora não haja a real intenção de representar personagens travestis de forma negativa, as configurações estereotipadas acabam por se naturalizar e negar a subjetividade e vivências dessas pessoas.

Em processo histórico de repulsa, de exílio e da fronteira, o papel das travestis na literatura brasileira é (de) marcado, ainda, pela subversão, pela doença e pela morte, sendo representadas basicamente por escritores homens, e em espaços historicamente marginalizados. Essas representações negativas estereotipadas mantêm o papel de desprezo e apago social, de forma a estabelecer, por meio desses discursos, o engendrado destino do não-lugar, do não-emprego, do não-direito, da não-vida.

Longe de esgotar as discussões sobre representações de grupos marginalizados na literatura brasileira, esse trabalho encontra-se aberto às discussões sobre gênero e produção literária. Além de propor novas formas de se ler e interpretar as obras literárias, atento às ações e atuações da linguagem, é necessário desmistificar os espaços e as narrativas com espaços higienizados, subverter os cânones da própria linguagem e estabelecer possibilidades de construção de novas histórias, novas imagens e representações mais humanas – tornando a identidade travesti também humana.

Conforme ressalta Judith Butler (1998, p. 34), “desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão”: pois é justamente no questionamento sobre essas formas de representações literárias que se poderá ressignificar as imagens de personagens travestis, a fim de trazer novos sentidos para as vivências e experiências trans em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Clara. *Brasileiros possuem uma dívida histórica com as travestis*. 2016. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2016/12/08/brasileiros-possuem-uma-divida-historica-com-as-travestis/>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- BIAJONI, Luiz. *Elvis e Madona: uma novela lilás*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, Campinas, 1998. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634457/2381>. Acesso em: 02 de jan. De 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. São Paulo: Geração Editorial, 1991.
- DUTRA, Paula Queiroz. Homossexualidade e Homofobia em “O lugar sem limites”, de José Donoso, e “Elvis e Madona”, de Luiz Biajoni. *Darandina Revisteletrônica*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p.1-15, 2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2016/02/artigo-Paula-Queiroz-Dutra.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas do século XX: 1960-1980*. 2016. 179 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura Brasileira - Crítica e Interpretação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2016. Disponível em:

<http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/TESE-CARLOS-EDUARDO-ALBUQUERQUE-FERNANDES.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2017.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro -11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Sobre Geni e Gisberta: baladas e amores trágicos (ou um relato de uma experiência estética dupla, acompanhado de alguns poemas e poemas). In: LUGARINHO, Mário César. (Org.). *Do inefável ao afável: ensaios sobre sexualidade, gênero e estudos queer*. Manaus: Uea Edições, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

PEDREIRA, Marcelo. *A inevitável história de Letícia Diniz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*. n. 25, p.217-248, Campinas, 2005. Disponível:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644707>. Acesso em: 02 de jan. de 2018.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional. 2008.

ROZA, Luiz Alfredo Garcia. *Berenice Procura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



SCHROEDER, Carlos Henrique. *As fantasias eletivas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

VERAS, Elias Ferreira. *Carne, tinta e papel: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico*. 2015. 228 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169488/339030.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 29 dez. 2017.

### Anexo 1 – Mapeamento de romances brasileiros (1970-2015)

OBRA	AUTOR(A)	EDITORA	PERSONAGENS TRAVESTIS	ANO DE PUBLICAÇÃO
O Travesti	Adelaide Carraro	Loren	Jaqueline	1970
O Milagre	Roberto Freire	Edições Símbolo	Joselin	1972
A república dos assassinos	Aguinaldo Silva	Edibolso	Eloína	1976
O dia em que Ernest Hemingway morreu Crucificado	Roberto Drummond	Àtica	Madame Satã	1978
Stella Manhattan	Silviano Santiago	Rocco	Stella	1985
O fantasma travesti	Sílvia Orthof	Espaço e tempo	Ziriguidum	1988
Hilda Furacão	Roberto Drummond	Geração Editorial	Cintura Fina	1991
A panelinha de breu	Bernadette Lyra	Estação Liberdade	Dame Kiri	1992
Lábios que eu beijei	Aguinaldo Silva	Siciliano	Débora	1992

O livro do avesso	João Silvério Trevisan	Ars Poetic	Não-atuante e não nominada	1992
Princesa	Fernanda Albuquerque	Sensibili alle Foglie	Fernanda	1994
Cidade de Deus	Paulo Lins	Bloomsbury Publishing Plc	Ana Rubro Negra	1997
Estação Carandiru	Dráuzio Varela	Cia. das Letras	Leidi Daí, Margô Sueli, Patrícia Evelin	1999
Nicola, um romance transgênero	Danilo Agrimani	GLS	Nicola	1999
O fascínio	Tabajara Ruas	-	Martinica	1997
Teatro	Bernardo Carvalho	Cia. das Letras	Ana C.	1998
Variações Goldman	Bernardo Ajzenberg	Rocco	Milk	1998
Hotel Brasil	Frei Betto	Rocco	Diamante Negro	1999
Avenida Atlântica	Flávio Moreira	Topdesk	Não atuante	1997
Deixei ele lá e vim	Elvira Vigna	Cia. das Letras	Shirley Marlone, Mamãe Outrinha	2006
A inevitável história de Letícia Diniz	Marcelo Pedreira	Nova Fronteira	Letícia	2006
A boneca platinada	Álvaro Cardoso	A Girafa	não-atuante, (cadáver)	2007
Berenice Procura	Luiz A. G. Roza	Companhia das Letras	Valéria (cadáver)	2005
Desacelerada mecânica cotidiana	Arlindo Gonçalves	Horizonte	Vladimir	2008
O azul do filho morto	Marcelo Mirisola	Editora 34	“o zelador travesti”	2002
Pornopopeia	Reinaldo Moraes	Objetiva	Lolla	2008
A louca	Del Candeias	Dix Editorial	Paula	2007
Concerto Amazônico	Álvaro Cardoso	Ateliê Editorial	Não-atuante	2008
Homens há muitos	Francisco Salgueiro	Oficina do Livro	Não-atuante	2003
Heroísmo de Quixote	Paula Mastroberti	Rocco	Darleny	2005

Os demônios morrem duas vezes	Fernando Ferreira	Conex	Sheila, Beatriz, Rose	2005
Morte nos búzios	Reginaldo Prandi	Cia. das Letras	Não-atuante	2006
Aos meus amigos	Adelaide Amaral	Globo	Cíntia	2008
Nossos Ossos	Marcelino Freire	Record	Estrela	2013
Luís Antônio-Gabriela	Nelson Baskerville	NVersos	Gabriela	2012
Do fundo do poço que se vê a lua	Joca Reiners	Cia. das Letras	Wilson	2010
O cafuçu	Marcos Soares	Metanoia	Marjorie	2012
O diário de Marjorie	Marcos Soares	Metanoia	Marjorie	2014
Scarlet	Reynaldo Araújo	Metanoia	Scarlet	2012
Elvis e Madona	Luiz Biajoni	Língua Geral	Madona	2010
As fantasias eletivas	Carlos Henrique Schroeder	Record	Copi	2014
Sim, eu sou uma mulher	Mônica Candiani	Metanoia	Isabel	2014
Odara	Márcio Paschoal	Record	Odara	2011
Cortina de Sangue	Braz Chediak	Mirabolante	Não-atuante	2010
Guadalupe	Angélica Freitas/Odyr	Quadrinhos e Cia.	Minerva	2012
Na esquina de batom	Evandro Fernandes	In House	Lady Lucy	2015
Crimes bárbaros	Christian Prezi	Baraúna	Bárbara Taylor	2011
A vida não tem cura	Marcelo Mirisola	Editora 34	Baronesa	2016
Um brinde em copos de plástico	Ricardo Carlaccio	Editora do autor	Tinky Winky	2011
Se Freud explicar...	Shirley Queiroz	Clube de autores	Andreia de Maio	2011
A mais amada	R.W. Gomes	Clube de autores	Elma	2013
Machu Picchu	Tony Bellotto	Cia. das Letras	"o sogro travesti"	2013
O senhor das sombras	Rosalvo Leal	Biblioteca 24 horas	Fulô	2011

Crianças perdidas	Mateus Gonçalves	Biblioteca 24 horas	Felicity	2015
Rogéria – uma mulher e mais um pouco	Márcio Paschoal	Estação Brasil	Rogéria (biográfico)	2016
Ultraje	Marcelo Bossler	Clube de autores	Não-atuante	2016
A espetacular vida da morte	MJ. Macedo	Gutenberg	Não-atuante	2012

Recebido em 13/01/2018.

Aceito em 18/03/2018.